CONSIDERAÇÕES SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LÍNGUA TERENA

CONSIDERATIONS ON LINGUISTIC VARIATION IN TERENA LANGUAGE

Kassiely Odeth Vertelino Marques[1]
[https://orcid.org/0000-0001-7406-606X]

Caroline Pereira de Oliveira[2]
[https://orcid.org/0000-0002-3161-4078]

Lovania Roehrig Teixeira[3]
[https://orcid.org/0000-0001-9614-8648]
DOI: http://doi.org/10.30612/raido.v15i39.14903

RESUMO[4]: Este artigo procura discutir o fenômeno da variação linguística na língua Terena a partir de pressupostos da Sociolinguística (LABOV, 2008; BAGNO, 2015). A discussão parte de exemplos coletados em três aldeias Terena situadas em dois municípios de Mato Grosso Sul: Aldeias Lagoinha e Bananal (Aquidauana) e Aldeia Cachoeirinha (Miranda) a partir de conversas espontâneas com os residentes. Uma pesquisa nesses moldes se justifica pela importância de compreender que o fenômeno da variação linguística e a existência de variedades linguísticas diferentes dentro de uma mesma língua não é um problema, e sim é um resultado natural da riqueza linguística, cultural e social de seus falantes. Assim, evitam-se conflitos sociolinguísticos entre os falantes dessa língua natural e a perpetuação de preconceito linguístico em relação a uma ou outra comunidade de fala. A partir das entrevistas, verificou-se que nas três aldeias Terena ocorre o fenômeno da variação linguística. Especificamente, encontraram-se exemplos de variação diastrática, decorrente da faixa etária dos falantes de Terena e, internamente, observou-se variação de natureza lexical, isto é, referente a nomes que designam objetos. A partir disso, verificou-se que há também variação linguística na língua Terena, fenômeno orgânico em todas as línguas naturais e, por isso, não há variedade de Terena mais adequada ou mais original, pois todas elas possibilitam a interação entre os falantes dessa comunidade de fala.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Terena; variação; variedades.

ABSTRACT: This paper analyzes the phenomenon of linguistic variation in the Terena language from the assumptions of Sociolinguistics (LABOV, 2008; BAGNO, 2015).

1 Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Língua Espanhola (CPAQ/UFMS), kassiely.marques@gmail.com.

2 Professora de Linguística e Língua Portuguesa (IL-DL/UFMT), caroline.p.oliveira@ufmt.br.

3 Professora de Linguística e Língua Portuguesa (CPAQ/UFMS), lovaniateixeira@gmail.com.

4 Agradecemos os comentários e as sugestões dos pareceristas anônimos da Revista Raído que contribuíram para a melhoria da versão final do texto.

CC BY NC SA

The discussion starts from examples collected in three Terena villages located in two municipalities in Mato Grosso Sul: Lagoinha and Bananal villages (Aquidauana) and Cachoeirinha village (Miranda) from spontaneous conversations with residents. A search along these lines is justified by the importance of understanding that the phenomenon of linguistic variation and the existence of different linguistic varieties within the same language is not a problem, but is a natural result of the linguistic, cultural, and social aspects of its speakers. Thus, it avoided sociolinguistic conflicts between the speakers and the perpetuation of linguistic prejudice in relation to one or the other speech community. From the interviews, it was found that phenomenon of linguistic variation occurs. Specifically, the most common examples were of diastratic variation, due to the age group of Terena's speakers and, internally, there was a variation of a lexical nature, that is, referring to names that designate objects. From this, it was found that there is linguistic variation in the Terena language, a phenomenon present in natural languages, and there is no better or worse variety, since occurs interaction between the speakers of this speech community.

KEYWORDS: Sociolinguistics; Terena; variation; varieties.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de uma análise de aspectos sociolinguísticos relacionados à língua Terena, falada por uma das maiores comunidades indígenas de Mato Grosso do Sul. Especificamente busca-se verificar se ocorre o fenômeno da variação linguística e apontar exemplos[5] desse processo encontrados em aldeias indígenas Terena de Mato Grosso do Sul, especificamente, em 3 aldeias de Terras Indígenas diferentes (Taunay-Ipegue e Cachoeirinha): Aldeias Lagoinha e Bananal (Aquidauana) e Aldeia Cachoeirinha (Miranda). Para fazer essa análise, coletaram-se exemplos de variação encontrados por meio de conversas espontâneas com moradores das aldeias citadas.

As bases teóricas utilizadas nesta pesquisa são da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), especialmente os conceitos de variação, variante e variedades linguísticas. Além dos conceitos de variação interna (fonética, semântica, sintática, discursiva e lexical) e variação externa (regional, social, estilística, etc.). Nesse contexto, compreende-se a língua como um objeto de estudo cuja análise deve considerar os aspectos linguísticos e extralinguísticos, assim, como as ciências sociolinguísticas compreendem esse elemento.

5 Esta pesquisa tem cunho empírico e resulta de conversas informais e entrevistas não-estruturadas, isto é, interações que não foram dirigidas pelo pesquisador, somente incentivadas por ele. Essas interações se deram tanto em Português Brasileiro, quanto em Terena e, por canais diversos, tais como redes sociais e conversas face a face. Por isso, não nos propomos a quantificar os dados encontrados, nem a realizar análises detalhadas dos segmentos que os utilizaram, o que geralmente é feito em pesquisas realizadas em ambiente controlado e que se utilizem de uma única sistemática de coleta. Ademais, quando da realização da coleta dos exemplos, em 2020-2021, estavam vigentes medidas severas de contenção do avanço do vírus Covid-19, tais como a proibição de entradas nas aldeias rurais de pessoas estranhas à comunidade, o que impossibilitou a visita de todas as pesquisadoras e esses locais e, assim, um aprofundamento na coleta dos dados. Por tudo isso, especialmente pelo caráter empírico desta pesquisa, optamos em chamar os dados de "exemplos", visto que uma análise sistemática e uma coleta controlada não foram realizadas.

A discussão proposta neste artigo se justifica pela importância de se entender que uma variedade linguística não é mais adequada que a outra, desse modo, o fato de falante de uma comunidade de fala do Terena sugerir que a variedade usada nessa comunidade é melhor do que a falada em outra comunidade é um equívoco que a Sociolinguística ajuda a esclarecer. Assim, evitam-se ou mitigam-se conflitos sociolinguísticos e previne-se o preconceito linguístico.

Para conduzir essa discussão, na seção 1, apresentamos os pressupostos da Sociolinguística que nortearam nossas discussões; na seção 2, expomos algumas características e um pouco da história do povo Terena e das aldeias em que foram coletados os exemplos de variação; e na seção 3, apresentamos e discutimos os exemplos de variação encontrados nas aldeias Terena e os classificamos dentro da teoria sociolinguística. Finalmente, apresentamos as considerações finais.

1 SOCIOLINGUÍSTICA: VARIAÇÃO, VARIEDADE E VARIANTE

Aqui apontamos alguns conceitos relacionados à Sociolinguística relevantes para as discussões feitas neste artigo.

A partir do momento que a linguagem se torna objeto científico da Linguística, em 1916, com a publicação da obra póstuma "Curso de Linguística Geral", de Ferdinand Saussure, se desenvolveram os primeiros estudos científicos nos quais se concebia a linguagem como um elemento composto pela língua e pela fala.

> Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica [...]. (SAUSSURE, 1970, p. 17).

Apesar de reconhecer a língua como o objeto de estudos da Linguística, Saussure também defende que "A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro" (SAUSSURE, 1970, p.16). Dessa forma, a linguagem é um sistema estabelecido por meio de uma espécie de acordo social, essencialmente ligado à língua, mas não encontrado na fala, que é um aspecto individual da linguagem.

Os estudos linguísticos avançaram e chegou-se à ideia de que a língua é uma representação do pensamento a partir do Relativismo Linguístico (SAPIR, 1929), mas conforme Rajagopalan (2007, p.16), especificamente,

> [...] a linguagem funciona como algo mais que um simples espelho da mente humana. Longe de ser um simples *tertium quid*[6] entre a mente humana, de um lado, e o mundo externo, do outro, a linguagem constitui-se em importante palco

6 *Tertium quid* origina-se do latim e refere-se a um terceiro elemento não identificado que está em combinação com dois já conhecidos. Fonte: https://educalingo.com/pt/dic-en/tertium-quid#:~:text=%C3%89%20latino%20para%20%22terceira%20coisa,por%20Plat%C3%A3o%20e%20por%20Ireneu. Acesso em: 15 mar. 2022.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 80 – 100 | set/dez 2021

> de intervenção política, onde se manifestam as injustiças sociais pelas quais passa a comunidade em diferentes momentos da sua história e onde são travadas as constantes lutas. A consciência crítica começa quando se dá conta do fato de que é intervindo na linguagem que se faz valer suas reivindicações e suas aspirações políticas. Em outras palavras, toma-se consciência de que trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente, com toda a responsabilidade ética que isso acarreta.

Compreende-se que o homem é o único ser que possui linguagem simbólica, capaz de compreender signos e de usá-los criativamente em uma interação. Mais do que isso, a partir do que afirma Rajagopalan (2007), a língua compreende um sistema de sinais que proporciona a interação, portanto, tem um caráter inerentemente social e, acima de tudo, um papel político. Em conformidade com isso, Bakhtin ressalta que,

> [...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não "adquirem" sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1997, p. 107-108).

Ou seja, o desenvolvimento da língua materna é um processo por meio do qual o sujeito imerge na corrente comunicativa de uma comunidade e, assim, sua consciência será construída com base nesse contexto e em tudo o que esse ambiente engloba. Portanto, a língua faz parte da linguagem, mas ela é mais do que unicamente um retrato da mente e mais do que exclusivamente de caráter social. Ela é ambos os aspectos e também uma reunião de muitos outros que outras correntes e teóricos linguistas sugerem e vêm sugerindo desde o surgimento da ciência Linguística.

Ao definir um objeto de estudos e um método de análise em 1916, Ferdinand de Saussure inaugura a primeira corrente dos estudos linguísticos, o Estruturalismo. Nessa corrente "a língua (i) é tomada em si mesma e por si mesma, excluindo-se, assim, os fatores externos dos estudos; e (ii) é vista como uma estrutura autônoma, valendo-se das relações da natureza essencialmente linguísticas, isto é, que se estabelecem entre seus elementos" (COELHO, 2010, p. 13). Complementarmente, na teoria saussuriana, afirma-se que:

> (i) os fenômenos variáveis não são visíveis na *langue* (que é social), mas na *parole* (que é individual); (ii) a evolução/mudança se dá em alguns elementos e isso é suficiente para que se reflita em todo o sistema; (iii) o falante não tem consciência das mudanças que ocorrem entre os estados (os recortes sincrônicos) da língua. (COELHO, 2010, p. 14).

Em suma, no Estruturalismo Saussuriano, a língua deve ser estudada de um ponto de vista sincrônico e analisada como um sistema em que um elemento se relaciona com o outro, sem que se envolvam, nesse processo, aspectos externos à língua.

Na década de 1960, nos Estados Unidos da América, uma nova visão formal da língua ganha destaque com Noam Chomsky. Essa nova corrente é denominada Gerativismo e defende que a língua: "(i) é concebida como um sistema de princípios universais; (ii) é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado

inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência" (COELHO, 2010, p. 14). Ainda, segundo a teoria chomskiana, a faculdade da linguagem localizada na mente/cérebro corresponde a um módulo linguístico que é inato no ser humano.

Tanto o Estruturalismo quanto o Gerativismo consideram a língua como um elemento abstrato e despido de aspectos sociais. Em contrapartida a essas duas correntes linguísticas, surge uma nova proposta construída, inicialmente, por William Labov, a Sociolinguística.

Alguns autores do século XX, de alguma forma, colaboraram para o desenvolvimento da Sociolinguística, dentre eles destacamos Mikhail Bakhtin que desabona a perspectiva estrutural da língua, defendendo um enfoque interativo e dialógico. Nesse contexto surgem manifestações de uma área de estudo da linguagem em que a língua é vista como um fenômeno social, um elemento dinâmico e com natureza ideológica – a Sociolinguística.

A Sociolinguística Variacionista, fundada principalmente pelas pesquisas do linguista William Labov (2008), lança um novo olhar sobre a língua e traz para as análises os fenômenos da variação e da mudança linguística. Labov critica especialmente

> [...] a separação estabelecida por Saussure entre *langue e parole* e entre sincronia e diacronia, e também o fato de Saussure desconsiderar os fatores externos à língua ao defini-la como um sistema de signos que estabelecem relações entre si. Em última instância, Labov posiciona-se contra a primazia dos estudos imanentes da língua. (COELHO, 2010, p. 21).

Em contraposição às teorias formais de estudos linguístico, Labov defende que a língua é heterogênea, pois existem variações inerentes dentro das comunidades da fala, assim: "Para lidar com a língua, é preciso olhar para os dados de fala do dia-a-dia e relacioná-los às teorias gramaticais o mais criteriosamente possível, ajustando a teoria de modo que ela dê conta do objeto" (COELHO, 2010, p. 22). Logo, a proposta de Wiliam Labov tem como ponto de partida a presença do componente social na análise linguística. Assim, a vertentes da Sociolinguística se ocupam especialmente da relação entre língua e sociedade, e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala.

Bagno (2010, p. 39) defende a concepção de língua "como um 'substantivo coletivo': debaixo do guarda-chuva chamado língua, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes". O autor, ao mencionar o conjunto de realizações, refere-se às várias formas de falar encontradas em comunidades linguísticas que compartilham da mesma língua e que fazem parte dos estudos sociolinguísticos.

Segundo as ideias de Labov (2008), a diversificação dos modos de falar de uma língua se relaciona a fatores de duas naturezas: **interna e externa**. Os fatores de natureza externa à linguagem são: a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social, o nível de instrução, etc.; os de natureza interna são: aspectos lexicais, semânticos, sintáticos, etc. Esses diferentes modos de falar uma mesma língua correspondem a um fenômeno orgânico das línguas naturais: **a variação linguística.**

Entende-se, nos estudos sociolinguísticos, que a variação é inerente às línguas naturais e é rica em significado social. Assim, os diferentes falares das comunidades revelam, de certa forma, a identidade dos sujeitos que a constituem. Isto é, eles dão

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 80 – 100 | set/dez 2021

pistas sobre: (i) o local de onde viemos; (ii) o quanto estamos inseridos na cultura letrada; (iii) quando nascemos; (iv) com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações (cf. COELHO, 2010, p. 25).

Em relação ao conceito de variável, segundo Coelho (2010), um bom exemplo é encontrado na alternância dos pronomes "tu" e "você", usados, ambos, para se referir à segunda pessoa do singular. A variação de uso desses pronomes é consequência de uma variação externa ao sistema linguístico, tanto diatópica ou regional quanto da variação estilística, conforme explicamos a seguir.

No que tange à variação diatópica ou regional, ela é consequência das diferenças da origem de um determinado sujeito - de onde ele vem. Os estudos oriundos da Sociolinguística permitem desvendar quais são, exatamente, as marcas linguísticas que a fala reflete em diferentes regiões. Comumente, itens lexicais particulares e traços fonológicos evidenciam o fato de que falantes de localidades distintas apresentem diferentes dialetos de uma mesma língua.

Quanto ao estudo da **variação regional ou diatópica**, segundo Coelho (2010), ele ocorre analisando os modos de falar em diferentes tipos de unidades espaciais; a análise também pode ocorrer comparando-se zonas urbanas e zonas rurais. Embora a variação diatópica esteja relacionada à etnia colonizadora da comunidade, pois a língua do povo colonizador influencia na língua da região colonizada, nem toda variação diatópica pode ser explicada pelo fator colonização (cf. COELHO, 2010, p. 77). As palavras "abóbora", "jerimum" e "moranga" são exemplos de variação regional do Português Brasileiro: são usados diferentes itens lexicais para designar os mesmos objetos, a depender da região do Brasil da qual se origina ou em que vive determinado falante.

Já a **variação estilística ou diafásica** é determinada pelo fato de o falante utilizar diferentes formas linguísticas, dependendo do contexto em que se encontra. Ou seja, os diferentes papéis sociais que as pessoas assumem nas interações, em diferentes domínios sociais, influenciam nas suas escolhas linguísticas (cf. COELHO, 2010, p. 81 - 82). Esses papéis sociais se alteram em conformidade com a formalidade das situações comunicativas e representam os tipos de relação entre locutor e seu interlocutor. Por exemplo, a maneira de falar e as escolhas lexicais em uma interação com os amigos ou familiares, provavelmente, não serão as mesmas usadas em interações no trabalho, na igreja ou na escola, pois o contexto da fala exige uma adequação do uso da linguagem.

É importante salientar que existem outros tipos de variação externas à língua tais como: a **variação social ou diastrática** que se refere aos usos linguísticos que refletem diferentes características sociais dos falantes. Os principais fatores que acarretam essa variação linguística são: o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero, a faixa etária e a profissão dos falantes (cf. COELHO, 2010, p. 82). Por fim, segundo Coelho (2010, p. 84), a **variação na fala e na escrita ou diamésica,** acontece entre as formas linguísticas utilizadas ou escolhidas na modalidade oral ou escrita, isto é, relacionadas à modalidade da língua.

Coelho (2010) explica que a **variável** é o lugar na gramática de uma língua em que se localiza a variação. No caso citado acima, entre os usos de "tu" e "você", a variável é a segunda pessoa do singular. Denominam-se **variantes** dessa variável, as formas individuais que disputam o espaço nas interações de fala, isto é, os pronomes "tu" e

"você". Em suma, segundo Coelho (2010, p. 26), a **variável** corresponde a um aspecto ou uma categoria da língua que se encontra em variação e as **variantes** são as formas individuais que concorrem em uma variável.

Na variação linguística, as formas variantes ("tu" e "você", por exemplo) recebem diferentes valores atribuídos pela comunidade de fala. Aqui, cabe elucidar o contraste entre **variante padrão** e **não-padrão**. Segundo Coelho (2010, p. 27), "[a]s variantes padrão são, *grosso modo*, as que condizem com as prescrições dos manuais de norma padrão; já as variantes não-padrão se afastam desse modelo". Em geral, a variante padrão costuma ser de prestígio, enquanto a não-padrão é, muitas vezes, estigmatizada e, por isso, gera preconceito linguístico.

Para finalizar, constata-se, como mencionado acima, que o fenômeno da variação linguística pode ocorrer também internamente ao sistema linguístico, por exemplo, no nível da fonologia, da morfologia, da sintaxe, do léxico e do discurso.

Por exemplo, Coelho (2010), indica que no campo da **fonologia** há variação na pronúncia dos ditongos realizados de maneira plena ou reduzida, tal como em: "caixa" e "caxa"; "outro" e "otro". Na **morfologia**, observa-se a variação interna na ausência/presença de marcação no infinitivo dos verbos, como em: "andar" e "andá"; "beber" e "bebê", etc. Já na **sintaxe**, a variação é encontrada na realização das orações relativas como em: "Esse é o livro **de que eu gosto**", "Esse é o livro **que eu gosto**" e "Esse é o livro **que eu gosto dele**". Exemplificando o **nível discursivo** de variação, presente em uma língua natural, apresentamos um estudo de Valle (2001), que analisa amostras coletadas em 1990 pelo VARSUL7/Florianópolis, cuja pesquisa mostra o uso alternado dos marcadores discursivos "sabe?", "não tem?" e "entende?", na variável "requisito de apoio discursivo". Finalmente, há variação interna no nível **lexical** de uma língua, por exemplo, quando há denominações diferentes para os mesmos objetos: "aipim" "mandioca" e "macaxeira", aspecto geralmente decorrente de variação externa diatópica.

Na próxima seção, apresentaremos alguns aspectos históricos e elementos identitários das aldeias Terena.

2 AS ALDEIAS TERENA EM MATO GROSSO DO SUL: BREVE HISTÓRIA E COSTUMES

Segundo dados do IBGE (2010), a população indígena no Brasil soma 896.917 pessoas, distribuídas em 305 etnias. Só em Mato Grosso do Sul (MS) vivem cerca de 80.459 indígenas[8], segundo a Secretaria Especial de Saúde Indígena de Mato Grosso do Sul (SESAI/MS). O censo de 2012 aponta o MS como o segundo estado com maior concentração de indígenas. Contudo, é um dos primeiros colocados na violação dos direitos humanos, no que tange aos indígenas, segundo Chamorro e Combès (2018, p. 19). Dentre as onze etnias, que formam a população indígena de MS, está a etnia Terena.

7 O Projeto Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) tem por objetivo geral a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil.

8 Fonte:https://www.secic.ms.gov.br/comunidades-indigenas-2/#:~:text=Em%20Mato%20Grosso%20do%20Sul,%2C%20Atikun%2C%20Ofai%C3%A9%20e%20Guat%C3%B3. Acesso em: 14 mar. 2022.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 80 – 100 | set/dez 2021

O povo Terena é remanescente do povo Guaná e a língua falada pelos Terena pertence à família linguística Aruak (BITTENCORT; LADEIRA, 2000, p.12). Os Terena juntamente com outros grupos indígena migraram para o Brasil no século XVIII, provenientes da região do Chaco, denominado pelos Terenas *Ênxiva*. De acordo com Moura e Acçolini (2018, p. 249) "Logo após sua passagem para a margem oriental do rio Paraguai, vindos da região do *Exiwa*, no Chaco paraguaio, os Terena organizaram-se em agrupamentos na região cujo centro, atualmente, é o município de Miranda". A migração de inúmeros subgrupos Mbayá e Guaná para o Brasil foi um marco na história desses povos, os Terena ainda mantém viva a lembrança dessa trajetória, a qual é passada de geração em geração:

> "Meu pai cresceu lá mesmo no Êxiva. Meu pai fugiu de lá porque lá havia os índios ('kopenoti') bravos. Eles atravessaram as morrarias atrás de Porto Esperança. Na água quando nadou, amarrou um carandá seco na cintura como jangada." (Antônio Muchacho - aldeia Cachoeirinha). (BITTENCORT; LADEIRA, 2000, p. 39).

Outro marco histórico decorre da Guerra do Paraguai (1864-1870) que começou quando o exército de Solano Lopes invadiu o território brasileiro. Vargas (2011) informa que:

> [n]a segunda metade do século XIX ocorre a Guerra do Paraguai (1864-1870), e as disputas por terras na região do sul de Mato Grosso se intensificaram. Os conflitos armados envolvendo os paraguaios e brasileiros ocorreram principalmente na região em que se encontravam as suas primeiras aldeias. (VARGAS, 2011, p. 64).

Dessa forma, a participação dos indígenas na Guerra do Paraguai foi de extrema importância, pois, além de lutarem contra os paraguaios, eles ajudaram as tropas brasileiras fornecendo alimentos. Silva (2019) argumenta que:

> [e]ste conflito colocou os índios Guaicurus e os Terena entre os dois fogos inimigos, ocorrendo inclusive a formação de batalhões compostos exclusivamente por indígenas Terena, os quais lutaram ao lado das tropas do império brasileiro. Em seus contingentes populacionais, pois foram diversas vezes atingidas pelos combates ou pelas enfermidades trazidas pelos exércitos adversários. (SILVA, 2019, p. 3).

As consequências dessa guerra foram inúmeras, uma delas foi a de que o povo Terena se dispersou pela região, à procura de refúgio. Após a guerra, os Terenas enfrentam uma nova luta, que perdura até hoje, dessa vez contra os brasileiros que se apossaram das suas terras. Conforme Eloy Amado (2019):

> [o]s homens guerreiros foram para guerra, mas as mulheres, anciões e crianças buscaram refúgio. E, quando acabou a guerra, retornaram imediatamente aos territórios originários, mas muitos já estavam ocupados pelos fazendeiros. Muitas aldeias foram destruídas durante a guerra, a população estava assolada pela miséria e por doenças. (ELOY AMADO, 2019, p. 68).

Muitas das tradições Terena estão vinculadas à referida guerra, como é caso das danças. Moura e Acçolini (2018, p. 250) indicam que "A dança do Bate-pau é uma manifestação ritualística vinculada à guerra do Paraguai, pois é considerada a dança que

legitima o grande guerreiro". Assim, as manifestações culturais das danças, tanto masculinas quanto femininas carregam conceitos importantes na cultura Terena, pois todos os passos da dança têm um significado. Elas costumam ser apresentadas em datas comemorativas, especialmente no dia 19 de abril (Dia do Índio). Segundo Marques (2017),

> [n]a Cultura Terena, temos a dança do *hiyokéxoti kipâe* (dança da ema) ou dança do bate pau que como é denominada pelo não índio, essa é uma dança tradicional dos homens Terena. A dança *Putu-Putu* que hoje é conhecida pelos Terenas como *Siputerena Noé*, que é a dança das mulheres. (MARQUES, 2017, p. 18).

O autor exemplifica as danças tradicionais masculinas com a dança do bate pau, e danças tradicionais femininas com a *Siputerena Noé,* que pode ser observada na imagem 1, abaixo:

Imagem 1: Dança *siputerena* ou *putu-putu* (dança feminina Terena)



Fonte: as autoras.

Conforme Marques (2017, p.18), "Para os Terenas todos os símbolos ou gestos são grandes marcas de linguagem, e manifestam o fortalecimento da identidade [...]". Assim sendo, da mesma forma que as danças expressam significações, as cores e as

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 80 – 100 | set/dez 2021

pinturas realizadas no corpo e vestimentas, também simbolizam tradições Terena, como pode ser observado na imagem 2 em que se vê uma família Terena manifestando a sua identidade.

Imagem 2: Família terena.



Fonte: Sirnay Moro (2012).

As cores mais utilizadas na pintura corporal são: branco, vermelho e preto. A cor branca, retirada das cinzas, para alguns anciões representa as nuvens e para outros, significa a paz. A cor vermelha, extraída do urucum ou da terra vermelha, significa o derramamento de sangue do índio em sua trajetória. Por fim, a cor preta, que pode ser extraída de várias fontes, uma delas é o jenipapo, representa o luto, a perda de guerreiros indígenas.

No que tange às características da etnia Terena, destacam-se três principais aspectos: **a dança**, mencionada acima; **o artesanato**, como é o caso das cerâmicas confeccionadas, em sua maioria, pelas mulheres e que costumam ser avermelhadas e decoradas com grafismo Terena, há também a cestaria e a tecelagem; e a **agricultura**, pois os Terenas são conhecidos como um povo agricultor, os homens são responsáveis pela preparação da terra para o plantio.

No que diz respeito à língua Terena, embora na maioria das aldeias se fale essa língua, a frequência de uso da língua se modifica dependendo da aldeia: em algumas aldeias apenas os anciões falam a língua e em outras, a comunidade toda faz uso da língua Terena em suas interações.

As linguistas Elizabeth Muriel Ekdahl e Nancy Butler, missionárias do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), foram as pioneiras no registro gramatical da língua Terena.

> Nessa época as linguistas membros do SIL, Elizabeth Muriel Ekdahl e Nancy Butler, se estabeleceram no distrito de Taunay, município de Aquidauana, próximo à aldeia Bananal, em Mato Grosso do Sul, com o intuito de produzir livros didáticos no processo de alfabetização dos indígenas, inclusive a Bíblia. Graças aos trabalhos de missionários e pesquisadores, centenas de terena passaram a escrever em seu idioma. (BELIZARIO, 2015, p. 2).

Na contemporaneidade, existem cerca de 20.000 falantes da língua Terena, segundo Rodrigues (2013, p. 12). A língua Terena em toda sua trajetória teve contato com várias outras línguas. Hoje em dia, o contato linguístico se dá basicamente com o Português Brasileiro, consequentemente, percebem-se empréstimos linguísticos dessa língua presentes no Terena, tais como: *álunoe* (aluno); *iskólana* (escola), *alúkaxo* (alugar), *ârame* (arame), *axúka* (açúcar) *njanta* (janta) e *mbôla* (bola).

Esta pesquisa debruça-se sobre as possíveis variações linguísticas presentes em algumas aldeias Terena, conforme apresentaremos adiante. Contudo, na perspectiva das mudanças linguísticas, Oliveira (2017) destaca:

> [a]s mudanças da língua Terena não ocorrem na estrutura ou no significado do léxico de uma comunidade para a outra, mas há variação fônica, ou melhor, da pronúncia de falantes de aldeias distintas. Um dos fatores que contribui para as variações linguísticas ocorram, são os costumes moldados ao longo do tempo, [...] outro fato que influencia de certa forma o desenvolvimento da língua e a preservação da mesma [*sic*] é a educação. (OLIVEIRA, 2017, p. 35).

Atualmente, os Terena são a segunda maior população indígena do MS e estão distribuídos nos seguintes municípios: Aquidauana, Anastácio, Miranda, Nioaque, Dois irmãos do Buriti, Sidrolândia, Campo Grande e Rochedo. Conforme Vargas (2011) os indígenas:

> Vivem atualmente em 10 (dez) terras indígenas localizadas nos seguintes municípios: **Aquidauana** onde se encontram a Terra indígena Taunay-Ipegue, formada pelas aldeias Bananal, Lagoinha, Morrinho, Água Branca, Jaraguá[9], Imbirussú, Ipegue e Colônia nova; a Terra Indígena Limão Verde, formada pelas aldeias Limão Verde, Córrego Seco e Buritizinho[10]. **Anastácio**, onde se encontra a Terra indígena Aldeinha formada pela aldeia Aldeinha. **Miranda** incluindo a Terra Indígena Cachoeirinha, composta pelas aldeias Cachoeirinha, Argola, Babaçu, Morrinho, Lagoinha e Mãe Terra[11]; a Terra Indígena Lalima composta pela aldeia Lalima; a Terra Indígena Pilad Rebuá, composta pelas aldeias Moreira e Passarinho. **Nioaque** Terra Indígena Nioaque, composta pelas aldeias Brejão, Taboquinha, Cabeiceira e Água Branca. **Dois irmãos do Buriti e Sidrolândia** a Terra Indígena Buriti, composta pelas aldeias Buriti, Àgua Azul, Recanto, Oliveira, Olho D'água, Barrerinho, Córrego do Meio, Lagoinha, Tereré e Nova Bananal[12]. **Campo Grande** onde se encontra as denominadas

9 Aldeia ainda não reconhecida pela FUNAI.

10 Aldeia ainda não reconhecida pela FUNAI.

11 Aldeia ainda não reconhecida pela FUNAI

12 Aldeia urbana ainda não reconhecida pela FUNAI.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 80 – 100 | set/dez 2021

> aldeias urbanas: Marçal de Souza, Água Limpa e Tarsila do Amaral[13], em **Rochedo** aldeia Bálsamo. (VARGAS, 2011, p. 23).

Embora existam 10 Terras Indígenas (TI) no MS, esta pesquisa concentra-se em três aldeias de duas TIs diferentes (Taunay-Ipegue e Cachoeirinha): Aldeias Lagoinha e Bananal (Distrito de Taunay-Ipegue em Aquidauana) e Aldeia Cachoeirinha (Miranda), caracterizadas abaixo.

2.1 ALDEIA LAGOINHA

A aldeia Lagoinha está situada no município de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul, e pertence à TI Taunay-Ipegue, e tem uma área total de 7000 hectares. Segundo a Fundação Nacional da Saúde Indígena (FUNASA) são aproximadamente 720 habitantes, distribuídos em 170 famílias.

O surgimento da aldeia se deu na década de 1950. Oriundos da Aldeia Bananal, Guilherme Moreira juntamente com sua esposa, Margarida Moreira, sentiram a necessidade de se mudarem para perto de sua roça. A partir disso, nasceu o primeiro núcleo pertencente à Aldeia Bananal, que mais tarde passou a ser conhecida como Aldeia Lagoinha. Conforme Vargas (2011) relata:

> A necessidade de cuidarem de suas roças fez os Terenas se estabelecerem junto delas, reunindo sua parentela, como lhes era comum, segundo o depoimento de Rosalino Silva (2010) a maioria dos moradores na aldeia lagoinha era adepta do protestantismo. (VARGAS, 2011, p. 113).

Em relação ao nome, ele foi dado em homenagem a Maria Carolina, que se destacou por ser uma residente e uma parteira respeitada pelos moradores. Conta-se que ela, ao passar perto da lagoa, ficava admirada e sempre dizia *Kali Lâvona*, que em português brasileiro significa "pequena lagoa". Assim, por ter uma lagoa na aldeia, ela sugeriu que o nome deveria ser Lagoinha. Diante disso, a aldeia passou a ser designada como "Aldeia Lagoinha".

A anciã Albina Candido[14], de 103 anos, relata como foi a instalação da primeira escola na seguinte entrevista concedida às autoras:

> A primeira escola foi construída com materiais que já tinham cortado (Se referindo as madeiras e palhas já cortados para fazer a casa de um dos moradores), os homens se reuniram que começar a construção. A primeira professora foi a Enilda Miguel e a Nilza Miquel que era enfermeira, mais ela estava no meio dos homens que estavam construindo a escola. (ENTREVISTA, Albina Candido, 2021).

Na atualidade, a aldeia possui um posto de saúde e duas escolas: a *Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pr. Reginaldo Miguel – Hoyenó'o* e *Escola Municipal Indígena Polo Marcolino* "Lili". Predomina nesta aldeia, a religião cristã protestante, a maioria dos moradores se consideram cristãos, segundo Oliveira (2019, p. 38).

13 Essas duas últimas ainda não foram reconhecidas pela FUNAI.

14 Albina Candido, antes de morar na Aldeia Lagoinha, residiu nas duas aldeias (da TI Taunay-Ipegue) em que se centra esta pesquisa.

2.2 ALDEIA BANANAL

A Aldeia Bananal também está localizada na TI Taunay-Ipegue, a 68 quilômetros de distância do município de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul. A população estimada é de 2.606 habitantes segundo Ventura, Lacerda e Nincao (2014). A constituição legal da Aldeia Bananal se deu no final do século XIX, precisamente no ano de 1894, porém antes já havia habitantes indígenas no local.

Segundo Rodrigues (1996), a referida aldeia se formou perto de um brejo, mas apresentava também uma área propícia à agricultura. Em 1905, Cândido Mariano da Silva Rondon (General Rondon) realizou audiências para iniciar a demarcação das terras. Com a demarcação, a aldeia foi se organizando em ruas e em lotes. Quando souberam que já estava tudo organizado, mudaram-se para esta aldeia vários índios de diferentes localidades. Formaram uma rua principal e, ao longo dela, construíram suas casas. Rodrigues (1996) revela que:

> Emeteteu, que era do Chaco, [diz] que quando chegou, a aldeia ainda não estava organizada. Ele diz que na baixada, atrás da casa em que desde aquela época morava o Sr. Pereira, era o início de um brejo tão feio, tão feio que dava medo, muito medo! O grupo de índios que tinha sua casa nesta região sofria muito, no entanto ali tinha uma bela mina onde todos buscavam água, havia um trilheiro usado por todos com um capinzal enorme ao seu redor. Esta mina era chamada de Yuxu, ela jamais secava.
>
> Em meio ao capinzal da mina, encontraram pés de banana; é bom dizer que naquela época ninguém conhecia a banana. Somente o velho índio do Chaco, lá da Bolívia, conhecia. Por isso deu nome para esta aldeia de Bananal. (RODRIGUES, 1996, p. 8).

Bittencourt e Ladeira (2000) relatam um fato marcante sobre a Guerra do Paraguai nesta Aldeia:

> Os Terena se organizaram nas matas. cuidadosamente camuflados. Sendo bons de manejo com flechas. acertavam mortalmente os adversários. Os paraguaios reagiram ao a taque e foram infelizes, porque quando tentavam entrar na mata para atacar os indígenas facilitavam os lances certeiros das flechas. Os Terena não dispondo de muitas flechas, em obediência ao cacique desapareceram nas matas. Cessado o ataque, os paraguaios tomaram providências para enterrar seus mortos. No local fizeram uma enorme valeta onde enterraram todos os cadáveres juntos. Nesse local, os antigos terena da aldeia Bananal acharam por bem usar como cemitério na comunidade. (relato de Olímpio Serra da aldeia de Argola). (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 64 - 65).

Em síntese, hoje, a aldeia conta com um posto de saúde, duas escolas: *Escola Municipal Indígena General Rondon* e *Escola Estadual Indígena Prof. Domingos Veríssimo Marcos*. Possui várias igrejas evangélicas e uma igreja católica. Há também um prédio que foi usado como posto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), mas hoje está sem uso. A Aldeia Bananal é considerada uma das mais importantes aldeias da TI Taunay-Ipeque.

2.3 ALDEIA CACHOERINHA

Pertencente à TI Cachoeirinha, a Aldeia Cachoeirinha está situada a 15 quilômetros do centro do município de Miranda, Mato Grosso do Sul. Ela fica localizada a oeste do Estado,

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 80 – 100 | set/dez 2021

na Microrregião de Aquidauana e na Mesorregião do Pantanal Sul-Mato-Grossense. Vivem nesta aldeia aproximadamente 1.779 pessoas, conforme Noal e Silva (2020).

A ocupação de "Cachoeirinha" ou "Bôcôôti", remonta às primeiras décadas dos séculos XIX, mais precisamente desde 1844. Cachoeirinha é a aldeia mais antiga da comunidade TI Cachoeirinha. O primeiro líder da comunidade foi Josezinho Felipe, apelidado de "Kali Síni" – um herói indígena.

No que se refere à TI Cachoeirinha, Julio (2013) afirma que:

> [...] a TI de Cachoeirinha constitui-se de uma sede – Aldeia Cachoeirinha e cinco setores: Argola, Babaçu, Morrinho, Lagoinha, Mãe Terra e duas áreas em processo de retomada, Mara'o xapa e Tumune Kalivobo, também chamada de Charqueada. Exceto as últimas, as demais aldeias possuem um conselho tribal e um cacique. (JULIO, 2013, p. 6).

Em resumo, essas são algumas das principais características das duas aldeias (Lagoinha e Bananal) da TI Taunay-Ipegue e da aldeia sede da TI Cachoeirinha, eleitas para o estudo das variações presentes na língua Terena que será detalhado na seção seguinte.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LÍNGUA TERENA

Nesta seção, apresentaremos alguns exemplos de variação linguística da língua Terena coletadas a partir de conversas informais com indígenas residentes nas aldeias da TI Taunay-Ipegue e da TI Cachoeirinha e, também, realizaremos uma análise desses casos dentro dos conceitos da Sociolinguística.

A coleta dos exemplos apresentados aqui se deu a partir de conversas espontâneas, ora realizadas via redes sociais, ora realizadas pessoalmente com professores indígenas que atuam nessas aldeias e também com alguns anciões que de forma segura15 participaram de uma breve entrevista.

Na **Aldeia Bananal**, no que diz respeito aos fatores externos responsáveis pela variação na língua Terena, encontramos exemplos de variação externa diastrática, condicionada pelo fator faixa etária: observou-se que os anciões usam determinados itens lexicais em Terena que os mais jovens não usam mais e que substituíram por outros termos. Diante disso, os dados encontrados corroboram a afirmação de Belizario (2015, p.11): "observamos essas variantes na língua terena, em que os falantes pertencem à mesma etnia e residem no mesmo local, mas falam uma variante da língua, assim como acontece na língua portuguesa". A seguir, encontra-se um quadro com exemplos de variação diastrática encontrados na Aldeia Bananal:

15 Mantendo o distanciamento físico mínimo e fazendo o uso de máscara, devido ao alto risco de contaminação resultante da pandemia da Covid-19 que tem assolado o Brasil e o mundo desde 2020.

Quadro 1: Exemplos de variação na Aldeia Bananal.

Palavras usadas por alguns anciões	Palavras usadas pelos jovens	Tradução
Perekata	*Xínelu*	Chinelo
Hokómori	*Líxu*	Lixo
None'ékovoti	*Veyóndi yúku*	Catar lenha
Koxiripánati	*Itúkoti xiripa*	Usando avental
Íhevexapana	*Néxapana*	Afiar

Fonte: as autoras.

Através do quadro de exemplos, percebe-se a ocorrência de variação linguística, suscitada também pelo empréstimo linguístico do Português Brasileiro. Em relação a isso, Oliveira (2017) aponta:

> Sem dúvidas que as chamadas mudanças sociais e culturais ocasionam alterações nos vocabulários gerando a seguinte formação: palavras que podem ser marginalizadas, cair em desuso ou até mesmo desaparecer. Por outro lado, os vocábulos podem voltar à circulação quase sempre com novas conotações. (OLIVEIRA, 2017, p. 67).

Dessa forma, quando os de faixa etária considerada jovem, percebem os prestígios de uma língua ou variedade, preferem então usar aquela língua ou variedade, assim, deixam de falar a dos seus pais. Consequentemente, essa atitude linguística, comum em todas as línguas naturais, pode causar o desaparecimento de uma variedade, e até mesmo a morte de uma língua.

Em termos de variação interna, os exemplos mostrados no Quadro 1, dizem respeito à variação lexical, isto é, à variação no modo de nomear os objetos. Assim, usam-se termos diversos em Terena para nomear os mesmos objetos.

No que se refere à **Aldeia Lagoinha**, como observamos no quadro 2, encontramos exemplos em que também ocorre variação linguística externa, e igualmente, ocorre variação diastrática resultante do fator idade dos falantes. Tomemos como exemplo a palavra "carro" em Português Brasileiro. Nessa Aldeia, há pessoas que usam o item *kóreta* em Terena enquanto outros usam *ivú'eiti* (usado por anciões), e até mesmo *karú* (usado pelos mais jovens).

Quadro 2: Exemplos de variação na Aldeia Lagoinha.

Palavras usadas por alguns anciões	Palavras usadas pelos jovens	Tradução
Lixú	*Líxu*	Lixo
Enovópeti/ Elékei	*Kopú/ Elékei*	Copo
Ivú'eiti	*Karú/ Kóreta*	Carro

Fonte: as autoras.

É importante salientar que essas variantes ocorrem dentro da mesma comunidade de fala, no caso, a Aldeia Lagoinha. Com isso, a correlação entre faixa etária e variação linguística na comunidade, revela o processo em que a "fala do indivíduo

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 80 – 100 | set/dez 2021

muda e a comunidade também muda" (COELHO, 2010, p. 81). Sendo assim, essa variação hoje existente pode levar a uma mudança linguística na língua Terena falada pela comunidade da Aldeia Lagoinha. Nesse sentido, a "variação implica duas ou mais formas que concorrem para expressar um mesmo significado, enquanto mudança implica processo de substituição gradual de uma forma por outra" (COELHO, 2010, p. 79).

A seguir apresentamos outro exemplo de variação linguística, encontrado na Aldeia Lagoinha. A palavra "copo", em Português Brasileiro, possui três variantes na língua Terena falada na Aldeia:

- *Elékei* – com significado mais amplo, pois refere-se a outros objetos usados como copo, como embalagens reutilizáveis de extrato de tomate; usado pelos dois grupos etários, jovens e anciões.
- *Enovópeti* – refere-se a qualquer tipo de copo, geralmente é um termo usado mais pelos anciões;
- *Kopú* – refere-se a "copo" e o item lexical é mais usado pelos jovens.

No caso das palavras "copo" e "carro", que em língua Terena possuem itens lexicais diferentes para designar o mesmo objeto, novamente, estamos diante de variação interna de caráter lexical.

Comparando as palavras do Quadro 1 acima, com exemplos de variação diastrática encontrados na Aldeia Bananal, observou-se que nessa comunidade de fala usa-se *Hokómori* para designar "lixo". Na Aldeia Lagoinha, por sua vez, segundo informações colhidas, usava-se, há um tempo, *Hokómori* para se referir a pedaços de podas e não para lixo no geral. Desse modo, o que ocorre aqui é variação externa, especificamente variação regional, entre a Aldeia Lagoinha e a Aldeia Bananal em relação ao item *Hokómori*. Nesse contexto, estamos diante de variação interna de natureza semântica, isto é, ocorre diferença no significado das palavras de uma aldeia para a outra.

Atualmente, na Aldeia Lagoinha se usa a palavra *lixú* do Terena para designar "lixo", como pode ser observado no Quadro 2, enquanto na Aldeia Bananal se usa *líxu*, como indicado no Quadro 1. Nesse caso, estamos diante também de um exemplo de variação externa de natureza regional, isto é, decorrente de aspectos de localização geográfica, e ainda, um caso de variação interna de natureza fonológica. É importante esclarecer que nem todos os membros da comunidade de fala da Aldeia Lagoinha pronunciam *lixú*, assim como na Aldeia Bananal, nem todos articulam a palavra como *líxu*.

No que tange à **Aldeia Cachoeirinha**, encontramos os seguintes casos de variações lexicais.

Quadro 3: Exemplos de variação na Aldeia Cachoeirinha

Palavras usadas pelos anciões	Palavras atuais	Tradução
Yuporoheuti	*uhé'okoti*	bonita, linda
Peno	*ovokúti*	casa
Xomoyu/ hopûpa	*nikokonoti*	comida
Alunoe	*ârunoe*	moça
Pe' áxoti	*simiteriu*	cemitério
Tu'aya	*one'a*	cunhado
Ayu'iti	*mbâile*	festa, baile
Epô'e	*mbôla*	bola
Pahukovoti	*eraxovoti*	errou
Na'angenexopovotine	*mbihópotine*	vou embora
Leveheoti	*oposíheoti*	procurando algo, caçando
Opeke'e	*hunókoku*	fim
Ápepo	*ako yuvâti*	De nada, tudo bem
Xe'o yákoe	*yexé'aka*	fique de pé
Koxe'okoti	*ixíkoti*	parando
Tukuneo	*karápeti*	baixo
Ipe'akapu	*yaukapu*	volta, mudança
Kamuxi	*pote*	Pote
Mokoa	mô'im	Abóbora, moranga

Fonte: as autoras.

Observamos que na Aldeia Cachoeirinha há também variação externa na língua Terena, assim como nas demais aldeias mencionadas anteriormente. Especificamente, ocorre variação de natureza social e ligada à faixa etária dos membros da comunidade de fala: os mais velhos utilizam certos termos que os mais jovens não usam mais para designar os mesmos objetos no mundo. Em termos de natureza interna dessa variação, ela está ligada ao aspecto lexical da língua, pois relaciona-se ao modo de referência a um mesmo objeto.

Conforme vimos, nas três aldeias da etnia Terena ocorre variação linguística, que é um aspecto esperado, pois esse fenômeno está presente em todas as línguas naturais. Nincao (2008), em sua tese de doutorado, apresenta um excerto de oficina de formação de professores indígenas, na qual um professor argumenta sobre as variações:

> Genésio: "Padrão é uma forma, é a estrutura correta, a colocação, a maneira de falar. A gente percebe que tem muitos Terena que brigam porque "esse aqui está errado", "não sei o que lá", "não é o padrão", mas a gente pergunta qual é o PADRÃO? Não tem padrão. Eu defendo que ainda não existe padrão. Agora existem as diferenças. Quando eu falo do padrão, eu estou querendo dizer sobre a construção organizada de gramática coisa assim". (NINCAO, 2008, p. 184).

Constata-se que não existe um jeito de certo ou errado de falar a língua Terena, não há um modelo correto de se usar a língua. Assim como não há variedades certas ou erradas em qualquer outra língua natural, já que essas variedades surgem de aspectos

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 80 – 100 | set/dez 2021

externos e internos à língua e que cumprem o principal papel de uma língua - comunicar.

A ideia equivocada de que uma variedade é correta e a outra não, ou que uma variedade da língua Terena é melhor ou mais original do que a outra, provoca conflitos sociolinguísticos entre os membros das comunidades de fala dos Terenas, por exemplo, da TI Cachoeirinha (Miranda) e da TI Taunay-Ipegue (Aquidauana), pois na primeira os Terena designam o objeto bola com a palavra *epô'e*, já na segunda utiliza-se o termo *mbola*. Assim uma frase como "Jogar bola" possui formas diferentes em cada comunidade de fala: *Epo'exoti* (Cachoerinha); *Mbolaxoti* (Taunay-Ipegue). No entanto, isso não é um problema e sim expressa a riqueza das variedades de uma língua e a importância de se considerar aspectos externos à língua em uma análise linguística, como preconiza a Sociolinguística. Nenhuma dessas variedades está errada, pois em ambas os seus membros conseguem se comunicar.

Nincao (2012, p. 92) aponta que "a questão das variedades dialetais, de ordem social, geográfica e política, inibe a produção de textos por se temer uma sanção social que exponha a "ignorância" do falante sobre uma suposta "língua padrão"". Ou seja, debate-se a questão de padronizar a língua terena, para neutralizar as variações, e frear os conflitos linguísticos.

Sendo assim, a variação diatópica, por exemplo, permite identificar marcas linguísticas que caracterizam a fala de uma região em relação à de outra. Embora em ambas as regiões se fale a língua Terena, no caso da TI Cachoeirinha e da TI Taunay-Ipegue, elas apresentam dialetos diferentes e, por isso, particularidades que definem sua identidade enquanto comunidades de fala distintas. Nincao (2012, p. 88) aponta que "pequenas diferenças linguísticas associadas a grandes divergências sociopolíticas situam os Terena em uma relação de alienação e não de solidariedade", pois escolher qualquer variedade como norma, é dar prestígio apenas a um grupo.

No entanto, os estudos sociolinguísticos mostram que não se deve privilegiar uma variedade sobre a outra, pois como Coelho (2010, p. 36) defende: a língua é "plural o suficiente para dar conta dos mais diversos matizes semânticos, pragmáticos e sociais de nossa realidade". Não existe o certo e o errado, a melhor ou pior, existem variedades da língua terena, que por sua vez, a tornam uma língua rica. Entender que existem várias formas de falar uma mesma língua é essencial e demonstrar respeito por todas é necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de lançar luz ao fenômeno da variação linguística na língua Terena, a língua de um dos povos indígenas mais numerosos de Mato Grosso do Sul, a partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista que nasceu com as ideias de William Labov. Nessa área da Linguística, a análise da língua deve considerar aspectos linguísticos e extralinguísticos e, por isso, concebe-se a linguagem como um elemento social, político, ideológico e cultural.

Por meio de conversas informais com residentes de aldeias Terena, coletaram-se exemplos que expunham que há também variação linguística na língua Terena. As aldeias em que isso ocorreu foram: Lagoinha, Bananal (no município de Aquidauana - MS) e Cachoeirinha (no município de Miranda - MS).

Sucintamente, na **Aldeia Bananal** encontramos exemplos de variação externa diastrática, condicionada pelo fator faixa etária: observou-se que os anciões usam determinados itens lexicais em Terena que os mais jovens não usam mais e, esses substituíram por outros termos. Ressaltamos também que alguns exemplos de variação encontrados decorrem de empréstimo linguístico do Português Brasileiro, tal como em *Xínelu* no Terena para a palavra "chinelo" do Português Brasileiro. Em termos de aspectos internos, na Aldeia Bananal ocorre a variação lexical, isto é, a variação no modo de nomear os objetos. Assim, usam-se termos diversos em Terena para nomear os mesmos objetos a depender da faixa etária do falante.

Na **Aldeia Lagoinha**, encontramos exemplos em que também ocorre variação linguística externa de natureza diastrática, resultante do fator faixa etária dos falantes. No caso das palavras "copo" e "carro", que em língua Terena são designadas por itens lexicais diferentes, também estamos diante de variação interna de caráter lexical.

Um aspecto importante a se ressaltar é que, atualmente, na Aldeia Lagoinha, usa-se a palavra *lixú* do Terena para designar "lixo", enquanto na Aldeia Bananal se usa *líxu*. Nesse caso, entre as aldeias, ocorre variação externa de natureza regional, isto é, decorrente de aspectos de localização geográfica, e ainda, um caso de variação interna de natureza fonológica em que o acento recai sobre sílabas diferentes em cada uma das comunidades de fala.

Finalmente, na **Aldeia Cachoeirinha,** há também variação externa na língua Terena, assim como nas demais aldeias mencionadas. Especificamente, ocorre variação de natureza social e ligada à faixa etária dos membros da comunidade de fala: os anciões utilizam certos termos que os mais jovens não usam mais para designar os mesmos objetos. No que diz respeito à natureza interna dessa variação, ela está ligada ao aspecto lexical da língua, pois relaciona-se ao modo de referência a um mesmo objeto.

Conforme vimos, nas três aldeias da etnia Terena citadas, ocorre variação linguística, fenômeno presente em todas as línguas naturais. Assim, dentro da perspectiva sociolinguística não é correto dizer que a variedade de Terena falada em uma aldeia é mais adequada do que a falada em outra aldeia. As variedades de língua surgem de aspectos externos e internos e cumprem naturalmente o principal papel de uma língua, isto é, promover a comunicação e a interação entre os membros de uma comunidade de fala. Não existe a variedade certa e a errada, a melhor ou a pior, existem, sim, variedades diferentes da língua Terena, que por sua vez, a tornam uma língua rica, que resultam dos aspectos particulares que constituem cada comunidade de fala.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 80 – 100 | set/dez 2021

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática de bolso do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico.** 56. ed. Revista e ampliada - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BELIZÁRIO, I. A Variação Linguística Na Aldeia Cachoeirinha – Miranda/MS. **Revista Avepalavra**, 2015. Disponível em: https://revista.unemat.br/avepalavra/EDICOES/20/Arquivos/BELIZARIO.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

BITTENCOURT, C. M. F.; LADEIRA, M. E. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

CÂNDIDO, A. **Variação Sociolinguística na Língua Terena**. Entrevista concedida à autora, Aldeia Lagoinha, Aquidauana, 2021.

CHAMORRO, G.; COMBÈS, I. **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul**: história, cultura e transformações sociais. Dourados: Ed. UFGD, 2018.

COELHO, I. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

EKDAHL, E. M.; BUTLER, N. E. **Explicação da Ortografia Terena. Sociedade internacional de Linguística**, 2007. Disponível em: https://www.sil.org/system/files/reapdata/45/48/28/454828973502462257792390222006967995 56/TEOrtho.pdf. Acesso em: 12 abr. 2021.

ELOY AMADO, L. H. V. **VUKÁPANAVO - O despertar do Povo Terena para os seus Direitos**: movimento indígena e confronto político**.** Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional, UFRJ. 2019. Disponível em: http://apib.info/files/2019/09/Tese-Doutorado-Eloy-Terena.pdf. Acesso em: 07 abr. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pessoas indígenas, por sexo, segundo o tronco linguístico, a família linguística e a etnia ou povo** - Brasil – 2010. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3194#resultado. Acesso em: 03 abr. 2021.

JÚLIO, A. **Língua terena: contribuições para sua documentação.** 2016. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/LINGUA%20TERENA%20relat%C3%B3rio%20Aronaldo.pdf . Acesso em: 12 abr. 2021.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, C. V. **Hiyokéxoti Kipâe Yoko Siputerena.** TCC (Graduação). Faculdade Santo Augusto /Faisa, 2017.

MOURA, N.; ACÇOLINI, G. Os Terenas em Mato Grosso do Sul. **In.**: CHAMORRO, G. et al. **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul**: história, cultura e transformações sociais. Dourados: Ed. UFGD, 2018.

NINCAO, O. S. **Kóho Yoko Hovôvo - O Tuiuiú e o Sapo: identidade, biletramento e política**

linguística na formação continuada de professores Terena. Tese (doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas, 2008.

NINCAO, O. S. A Formação de Escritores Indígenas e a Questão da Variação Linguística na Língua Terena**. Revista Língua & Literatura**, v.14, n.3, p. 77-96, 2012.

NOAL, M. L.; SILVA, D. Crianças pequenas terena: reencontros ancestrais em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1332-1363, 2020.

OLIVEIRA, L. R; GOMES, N. S. **Empréstimos nas Línguas Indígenas**: o caso do Terena. Novas Edições Acadêmicas, 2017.

PERINI, M. A. Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini. **ReVEL**. v. 8, n. 14, 2010.

RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica. **Línguas e Letras**. v. 8, n.14, 2007, p.13 -20.

RODRIGUES, Z. V. A história da Aldeia Bananal. **In.**: WENCESLAU M. E. **Textos Produzidos Pelos Professores.** Campo Grande: Coordenadoria de Métodos e Informática/DGAF/SED, 1996.

RODRIGUES, A. D. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. Disponível em: http://www.laliunb.com.br. Acesso em: 15 abr. 2021.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004 [1916].

SAPIR, E. The status of Linguistics as a Science. **Language**, v. 5, p. 207 – 214, 1929.

SEBASTIÃO, L. L. **Trajetórias da mulher Terena: do papel tradicional à arena sócio política.** Dissertação (mestrado). PUC-SP, 2012.

SILVA, R. E. Atitudes linguísticas na Aldeia de Lagoinha: manter ou apagar a Língua Terena. **RELVA**, v. 6, n. 1, p. 49-60, 2019.

VALLE, C. R. M. **Sabe?/não tem?/entende?:** itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo. Dissertação (mestrado) – UFSC, Florianópolis, 2001.

VARGAS, V. L. F. **A dimensão sociopolítica do território para os Terena: as aldeias nos séculos XX e XXI**. Tese (doutorado) – UFF, Rio de Janeiro, 2011.

VENTURA, M. T.; LACERDA, L. T.; NINCAO, O. S. Histórias e desafios da formação docente na Escola Indígena Polo General Rondon, Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Revista Diálogos Interdisciplinares** - GEPFIP, v. 1, n. 1, p. 33-38, 2014.

RECEBIDO: 05/07/2021
ACEITO: 16/03/2022